

## MÍDIA, MODA E MÚSICA

*Gustavo Finkler*

A música popular brasileira vem assumindo diversas faces com o passar do tempo. Não poderia ser diferente, se levarmos em conta não só a extraordinária dimensão do país, com realidades conseqüentemente distintas, mas também a enorme variedade étnica por aqui encontrada. Esta salada cultural resultou num caldeirão fascinante de informações rítmicas, melódicas e harmônicas, que misturadas, acabaram por transformar a música do Brasil em um fenômeno de reconhecimento mundial.

Um dos primeiros a descer o morro e enfrentar o preconceito da cidade foi Sinhô, que ainda nos anos 20 teve a coragem de mostrar sua arte genuinamente nacional. Absorvendo influências do jazz, do fox e de outros ritmos importados, Sinhô adicionou a eles a “cadência bonita do samba” e assim inspirou Noel Rosa, que, entre tantos, inspirou Mário Reis. Este, com sua maneira brejeira de cantar, iluminou as idéias de João Gilberto, que suavizou a pulsação do samba e, com Tom Jobim, criou a bossa nova. João Gilberto foi influência forte no trabalho de Roberto Carlos e seu parceiro Erasmo Carlos, principalmente no que toca ao estilo de se colocar a voz. Dizia-se ser Roberto Carlos o João Gilberto do iê-iê-iê. A dupla da Jovem Guarda, por sua vez, trazendo as guitarras elétricas para a música brasileira, deu boas idéias aos tropicalistas Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tomzé e Mutantes, que estimulariam, por sua vez, o surgimento de um novo modo brasileiro de interpretação musical do cotidiano. Viriam depois Arrigo Barnabé, Itamar Assumpção e o Grupo Rumo, só para citar três exemplos, que, de certa maneira, retomam a tradição dos pioneiros da MPB de forma original e criativa. Já nos anos 80, tiveram que pagar caro por essas inovações formais: não encontraram nos meios de comunicação espaço correspondente à importância dos seus trabalhos. E são apenas três exemplos.

Foi sempre através da veiculação da mídia que os artistas conseguiram alcançar o público. Tanto assim, que são raros os registros no terreno da música popular brasileira antes do surgimento do rádio e da indústria fonográfica. Os movimentos musicais, como o do samba dos anos 30, que nasceu espontaneamente no morro e invadiu a cidade, ou a Bossa Nova e a Tropicália, pensadas e articuladas com diretrizes e propostas antes de aparecerem como movimentos, sempre foram comandadas pelos próprios

artistas, cantores e compositores. Através do rádio e, posteriormente, da televisão, criaram modas e alteraram comportamentos. Logo ficou claro para todos que a possibilidade maior de “relacionamento” entre artistas e público passava obrigatoriamente pelos meios de comunicação.

Com o tempo, aquela relação inicial inverteu-se e passou a mídia a determinar os movimentos, modas e manias que deveriam ser executados pelos músicos e consumidos pelas pessoas. Alguns cantores e compositores que recusaram-se a entrar no novo jogo simplesmente foram banidos das veiculações e, portanto, para a maior parte do público, deixaram de existir. A partir de então, foram rotulados de “alternativos”, “malditos” ou “marginais”, exatamente por estarem relegados à margem do processo musical brasileiro. Instalou-se nas rádios e TVs um padrão de qualidade baixo e, mais que isto, contrariou-se a vastidão de formas musicais que o país comportava, unificando-se a programação. Desrespeitando as idiossincrasias regionais e oferecendo os mesmos produtos (e somente estes) a lugares diferentes, o Brasil consegue, diariamente, distanciar-se da sua própria produção cultural. O país que anteriormente caracterizava-se pela riqueza de estilos musicais e pela própria qualidade e criatividade da sua música é hoje um país de “covers”.

Imita-se tudo. Xuxa descobre o filão infantil e, em seguida, aparecem Angélica, Mara, Eliana... Determina-se que o rock dê o tom da estação e surge do nada uma infinidade de bandas dispostas a interpretar o personagem. Se depois disto convier o estilo sertanejo, que venham as duplas falar de infidelidade conjugal. E então, quando o sertanejo cansar um pouco, que se escolha o samba e que este seja deturpado, transformado em “sambanejo”. Não faltarão grupos para executar semelhante tarefa. Nem público interessado em consumi-los.

Obviamente, não há nada de errado em que existam artistas, músicas e discos com as qualidades citadas acima. O problema localiza-se no monopólio da informação. Numa nação que tem como característica principal a mistura, é inconcebível que se ligue a TV ou o rádio e se encontre, basicamente, um ou dois estilos musicais. Se pensarmos no Brasil como um país de população eminentemente pobre, que, por consequência, não tem acesso (ou raramente tem) a espetáculos musicais ou discos, perceberemos que o papel da mídia é ainda mais importante: é ela que tem nas mãos o poder de levar (ou não) ao público outras alternativas musicais, o que criaria, ao menos, a possibilidade de escolha. Ao contrário, o que se vê é o rareamento dessa variedade até mesmo na indústria do disco, que fica impossibilitada de lançar no mercado um produto que não será veiculado pelos meios de comunicação e que, portanto, não despertará nos consumidores a vontade

de consumi-lo. E aqui, o grave: por puro desconhecimento. Não alcançando o lucro desejado pela gravadora, o artista estará “desempregado” e impossibilitado de registrar o seu trabalho.

Esta situação cria um moto-contínuo desesperador para a cultura nacional, senão vejamos: as gravadoras não registram o trabalho de determinados artistas porque sabem que a mídia não lhes dará espaço e que, por conseguinte, o seu produto não irá vender como poderia. Por outro lado, o rádio e a televisão não podem exibir artistas que não têm seu trabalho registrado. Graças a esta falta de investimento, há muitos anos não surge um grande compositor da nova geração. Caetano Veloso e Gilberto Gil já chegaram aos 50, o mesmo acontecendo com Milton Nascimento, Paulinho da Viola, Chico Buarque. Djavan, João Bosco, Luís Melodia, Arrigo Barnabé e Itamar Assumpção estão perto dos 40 e todos eles fizeram-se notar pelo público quando passavam um pouco dos 20 anos. Os novos compositores que conseguem despontar têm a mediocridade dos trabalhos impulsionados pelos modismos. Não é preciso nem ao menos ser bom observador para se notar que o que produzem pouco diz respeito e/ou dá continuidade à Música Popular Brasileira.

Não estamos aqui pretendendo viver de saudosismos e lembranças. Antes pelo contrário, queremos afirmar que, logicamente, bons novos compositores continuam surgindo e renovando a riquíssima MPB. A diferença é que seus trabalhos alcançam hoje um número reduzidíssimo de pessoas, por absoluta falta de investimento da indústria cultural (da qual fazem parte os meios de comunicação e a indústria fonográfica). Compositores que não têm uma produção hermética, destinada a poucos “entendedores”. Compositores que trabalham com música popular e que poderiam facilmente ter suas canções registradas e veiculadas, porque certamente haveria público interessado. Compositores que provavelmente não estão dispostos apenas a repetir velhas fórmulas, mas que nem por isto tornam suas obras inacessíveis. Pelo contrário, deixam-nas interessantes, instigantes, porque escapam dos clichês, porque descobrem novos caminhos.

Mas não. Em plena democracia, estamos sob a ditadura da moda imposta pela mídia, que não exhibe a “diferença” nos veículos de comunicação. Se tudo o que nos oferecem é semelhante, é igual, nos remete algo que já ouvimos incansáveis vezes, como podemos pensar que estamos realmente escolhendo o que queremos escutar quando ligamos o rádio ou assistimos a um musical na TV? Nossa única verdadeira escolha localiza-se em ouvir ou não ouvir. No caso, ouvimos.

A citada ditadura da moda instituída pelos meios de comunicação não limita-se, claro, a decidir o nosso repertório musical. As mesmas

estratégias de criação de modismos que nos levam, subitamente, a querer dançar lambada, nos impulsionam também a eleger o presidente, ou a pintar a cara e derrubá-lo. E ainda, quatro anos depois, a eleger um outro.